

# **A RELEVÂNCIA DO SAMBA NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E CONFORMAÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES NA CIDADE DE SÃO PAULO**

ALESSANDRO DOZENA<sup>1</sup>

## ***RESUMO***

ESTE ARTIGO ANALISA O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO, DESDE A SUA PRESENÇA INICIAL NOS BAIROS CENTRAIS ATÉ A POSTERIOR DISPERSÃO EM DIREÇÃO AOS BAIROS MARGINAIS. ACOMPANHANDO ESTE PROCESSO, A POPULAÇÃO NEGRA QUE SAIU DAS ÁREAS RURAIS E MIGROU PARA A CAPITAL PAULISTA TROUXE CONSIGO A TRADIÇÃO DO BATUQUE RURAL, QUE FOI SENDO GRADATIVAMENTE INCORPORADO AO SAMBA NO CONTEXTO URBANO. ASSIM SENDO, COM A INTENSIFICAÇÃO DO CRESCIMENTO URBANO, HOUE A EXPULSÃO DOS SEGMENTOS SOCIAIS MAIS POBRES E A DISSEMINAÇÃO DO SAMBA PARA OUTROS BAIROS PAULISTANOS. O ARTIGO É CONCLUÍDO COM UMA REFLEXÃO SOBRE A “FÁBRICA DOS SONHOS”, PROJETO RECENTEMENTE ANUNCIADO PELA PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO E QUE DEVERÁ SE CONFORMAR EM UM RELEVANTE TERRITÓRIO DA INDÚSTRIA CARNAVALESCA PAULISTANA.

## ***PALAVRAS-CHAVE***

SAMBA, URBANIZAÇÃO, HISTÓRIA DE SÃO PAULO, BAIROS, IDENTIDADE

## **INTRODUÇÃO**

O samba proveniente da zona rural paulista e que na cidade de São Paulo incorporou algumas características urbanas, constitui um elemento marcante da história da cidade, com profundas implicações na compreensão de seu processo de urbanização e conformação de novas espacialidades.

No último quartel do século XIX, por sua estrutura, rede de transportes e centralidade financeiro-comercial, a cidade de São Paulo apontava para o que seria a metrópole que se firmaria em meados do século XX. Desde aquela época, alguns bairros paulistanos estiveram tradicionalmente relacionados a redutos de sambistas, onde surgiram os primeiros cordões carnavalescos que posteriormente se transformaram em escolas de samba. Nestes bairros, a convivência entre segmentos raciais e étnicos heterogêneos foi a base para a organização dos primeiros “territórios de samba” na cidade.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Paulista – UNIP e doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP. Agradeço o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, que possibilitou a minha participação neste evento científico internacional.

Ao longo dos anos, o processo de implantação e consolidação do samba paulistano foi acompanhado por usos territoriais diferenciados e definidos por interesses também distintos, muitas vezes amparados pelas festas carnavalescas, que ditaram a forma de apropriação do espaço e do tempo na capital paulista. Nesse sentido, a formação das “raízes territoriais” do samba na cidade de São Paulo acompanhou o uso específico do seu território em cada momento, sendo o samba um dos principais mediadores da construção da identidade da população negra. Nesse ponto, destaca-se o fato de que “o território pode ser visto pela análise geográfica como um nexos totalizador, que reintegra a unidade dos sub-campos da geografia humana, articulando no movimento histórico de sua formação os processos e fenômenos específicos” (MORAES, 2001, p. 47). Esse é o principal objetivo deste artigo, o de procurar entender alguns processos e fenômenos específicos relacionados à formação das “raízes territoriais” do samba paulistano, demonstrando a relevância das políticas territoriais na expansão do samba e na conformação de novas territorialidades no atual período histórico.

### AS “RAÍZES TERRITORIAIS” DO SAMBA PAULISTANO

*“Eu era menino, mamãe disse vamo embora Você vai ser batizado no samba de  
Pirapora Mamãe fez uma promessa Para me vestir de anjo  
Me vestiu de azul-celeste Na cabeça um arranjo Ouviu-se a voz do festeiro  
No meio da multidão Menino preto não sai aqui nessa procissão  
Mamãe, mulher decidida Ao santo pediu perdão Jogou minha asa fora  
E me levou pro barracão Lá no barraco Tudo era alegria Nego batia na zabumba  
E o boi gemia Iniciado o neguinho Num batuque de terreiro  
Samba de Piracicaba Tietê e Campineiro Os bambas da Paulicéia  
Não consigo esquecer Fredericão na zabumba Fazia a terra tremer  
Cresci na roda de bamba No meio da alegria Eunice puxava o ponto  
Dona Olímpia respondia Sinhá caía na roda Gastando a sua sandália  
E a poeira levantava Com o vento das sete saias Lá no terreiro  
Tudo era alegria Nego batia na zabumba E o boi gemia  
Lá no terreiro Tudo era alegria Nego batia na zabumba E o boi gemia”.*

Música: *Batuque de Pirapora* – Geraldo Filme

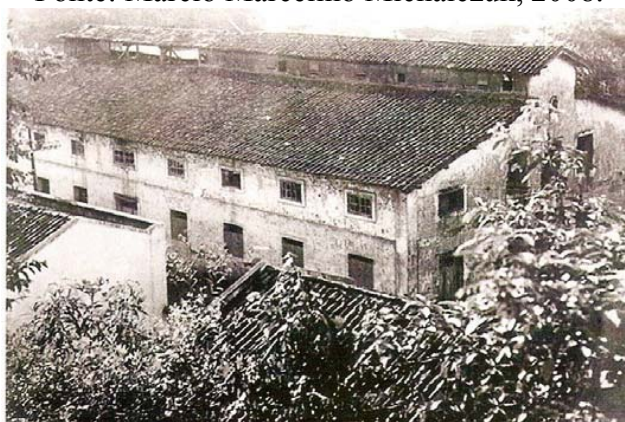
Esta composição evidencia a importância da cidade paulista de Bom Jesus de Pirapora (hoje chamada de Pirapora do Bom Jesus), que a partir da segunda metade do século XIX atuou como um importante local de encontro dos negros que para lá se dirigiam em toda primeira quinzena de agosto, em virtude dos festejos em homenagem ao patrono da cidade. Por outro lado, a composição narra o preconceito racial vivenciado por Geraldo Filme, importante sambista paulistano, quando ainda era criança.

Nesta festa religiosa, os romeiros provenientes não só do estado de São Paulo como principalmente de Minas Gerais e Paraná costumavam se encontrar. Um pouco distante da cidade havia dois barracões abandonados, anteriormente ocupados por seminaristas, onde ficavam alojados os negros, em um ambiente muito bem descrito pelo folclorista Mário Fagner da Cunha:

“A festa de Bom Jesus de Pirapora tem um aspecto religioso e outro profano. À noite a Igreja não chega para conter as pessoas, todavia, há muita luz e muito barulho. São os negros a sambar, puxados a sanfona que começam a se animar. É a festa profana, que deve durar até alta madrugada” (CUNHA, 1937, p. 5).

Este mesmo autor explica que a decadência da Festa de Bom Jesus de Pirapora se deu devido às pressões exercidas pela Igreja Católica, além da repressão policial realizada para frear as manifestações dos negros nos festejos, o que culminou com a proibição definitiva do samba nos barracões onde estes se reuniam para cantar e dançar, no ano de 1937. Aqui cabe observar que, preocupada com a expansão das manifestações dos negros consideradas profanas, a Igreja Católica ordenou a demolição dos barracões.

Foto 1 – Barracão de romeiros em Pirapora do Bom Jesus – São Paulo  
Fonte: Márcio Marcelino Michalczuk, 2008.



Feitas estas colocações, vale agregar à análise o fato de que embora o samba já acontecesse em algumas áreas da cidade de São Paulo, é a partir dos elementos rurais provenientes do interior do estado que ele se configura e se impregna de influências rítmicas e melódicas, primeiramente manifestadas nos ranchos e cordões carnavalescos que aí se organizaram.

Assim sendo, ao mesmo tempo em que a cidade se urbanizava, recebia a contribuição dos negros provenientes das cidades interioranas, onde as concentrações de comunidades escravizadas permitiram a estruturação do samba nos espaços rurais, a partir do batuque, do tambú e das danças de umbigada. Neste ponto da argumentação, é interessante assinalar que a própria prática do samba atuava como estética para a criação artística, para o suprimento das necessidades emocionais e a afirmação dos valores dos negros escravizados, além de destoar do discurso oficial da época e incomodar pelo tipo de musicalidade que trazia.

Com o samba, os negros buscavam formas de acalmar a angústia resultante das sucessivas espoliações sofridas no “cativeiro da terra”, sobretudo nas ocasiões em que aconteciam boas colheitas de café e eram organizadas as festas de comemoração nas senzalas, quando era consentido o batuque e a umbigada.

Conforme demonstrado pelos estudos de Olga Simson (1989), a origem do samba paulistano provém do interior do estado e está associada às práticas da população negra escravizada nas fazendas de café. A partir delas, o samba de roda, o samba de bumbo e o samba-lenço eram praticados ao som de tambores, também utilizados no jongo e no lundu, cavados com fogo nos troncos de árvores e recobertos com couro de animais.

Foto 2 – Samba-lenço em terreiro de Rio Claro, São Paulo.  
Fonte: Coleção particular de Rodolpho Copriva, 1955.



Enfim, os escravizados que saíram das áreas rurais e vieram para a cidade de São Paulo trouxeram a tradição do batuque rural, que foi sendo gradativamente incorporado ao samba já em um contexto urbano, nos três territórios negros da São Paulo da primeira metade do século XX: Bexiga, Baixada do Glicério e Barra Funda (Simson, 1989). De todo modo, não se pode concluir que nada havia de samba na cidade de São Paulo antes desta migração campo-cidade, mas sim que a partir dela as rodas de tiririca (um tipo de capoeira sambada) e as de samba, ganharam a importante contribuição do samba retumbado nos cafezais do interior do estado, marcadamente ritmado pelo som grave do bumbo<sup>2</sup>.

Além disso, deve-se lembrar que o samba surgiu como resistência e protesto à condição sócio-econômica pesadamente vivenciada pelos negros. Sendo assim, a sua conformação na cidade de São Paulo também esteve associada com a manifestação religiosa desta população, em um ambiente onde os aspectos ligados ao profano e ao sagrado conviviam lado a lado.

Vale lembrar que além das religiões afro-brasileiras, o catolicismo teve grande importância na organização dos primeiros cordões carnavalescos. Segundo Simson (1989), nas primeiras décadas do século passado era dada permissão policial para a ocorrência dos desfiles dos cordões, na medida em que estes se organizavam ao modo das procissões habituais presentes nas festas religiosas desde o século XIX:

“Esses embriões de associações não surgiram de repente, do nada, pelo simples fato de famílias negras estarem morando próximas (...) Deveria haver indicações de experiências festivas anteriores, reunindo essa população, que formassem uma espécie de bagagem para a criação dessas entidades carnavalescas (...) Foi certamente essa vivência festiva, repetida anualmente, que permitiu à população negra paulistana elaborar seus folguedos carnavalescos, baseada em espaços urbanos que lhe eram próprios, em grupos musicais existentes e em

---

<sup>2</sup> Sobre o tema, ver o segundo capítulo de: MORAES, José Geraldo Vinci de. As sonoridades paulistanas: A música popular na cidade de São Paulo – Final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 1995. Sobre a trajetória que o samba percorreu, do contexto rural para o urbano, ver: MARCELINO, Márcio Michalczuk. Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

experiências profano-religiosas anteriores” (SIMSON *citada por* MORAES, 2000, p. 143).

Na cidade de São Paulo, os locais onde a população negra passou a se reunir, especialmente nos momentos festivos, foram a cercania da Igreja dos Enforcados no Largo da Liberdade, a Igreja da Santa Cruz no bairro do Glicério e a Igreja da Achirópita no bairro do Bexiga. Segundo Simson (1989), a Capela de Santa Cruz das Almas dos Enforcados reunia grande parte da população pobre e negra da época, em decorrência de por lá ter sido enforcado o cabo revoltoso Francisco José das Chagas (o Chaguinhas), contrariando a vontade do povo. “Conta-se que na primeira e na segunda tentativa de enforcamento a corda se rompera, o que teria sido um sinal da vontade de Deus não respeitada pelo governo, que mesmo assim mandou executar o réu” (SIMSON, 1989, p. 86).

Nesse quadro, outro aspecto interessante era a questão da moradia da população negra recém-alforriada ou fugitiva chegada a São Paulo, que em grande parte se estabeleceu no bairro do Bexiga, conforme explica Penteadó:

“Quando os tropeiros vinham do interior paravam ali onde atualmente está a Praça da Bandeira (...) Havia um entreposto com vários tipos de especiarias e escravos (...) Alguns escravos fugiam de lá e vinham para cá, para esta região, o Alto do Caagaçú como era chamado na época, pois tinham uma visão boa de quem viesse atrás deles para capturá-los (...) Então se formou um quilombo aqui que ficou sendo chamado de Quilombo da Saracura (...) O pessoal que morava por aqui era chamado de saracura, porque tinha o brejo do rio com muitas saracuras” (Penteadó, entrevista realizada em 24/10/2007).

Até a década de 1890, essa região descrita ainda se encontrava pouco ocupada e era pontuada por campos, pastos e chácaras. Dentre as principais estavam a Chácara do Bexiga, pertencente a Fernando de Albuquerque. Mais a sudoeste, “beirando o Anhangabaú, os campos do Estaleiro Bexiga e mais ao longe o Sítio do Sertório. A oeste, a Chácara de Martinho da Silva Prado, onde ficava o Tanque Reúno ou do Bexiga” (BRUNO, 1954, p. 205). O adensamento populacional somente começou a ser registrado quando, entre os anos de 1880 e 1890, iniciou-se o processo de loteamento dessas áreas.

Além do Bexiga, a população negra se estabeleceu em outros bairros que rapidamente se dinamizavam, acompanhando a importância econômica adquirida pela cidade de São Paulo que, desde a segunda metade do século XIX, passou a representar a nova cidade pujante que se consolidava no Brasil, classificada por Pierre Mombeig (1953) como a “Capital dos Fazendeiros”. Nesse momento, já se pronunciava a polarização que se consolidaria no século XX:

“Os desdobramentos do complexo cafeeiro e o aumento dos negócios levaram fazendeiros, empresários comerciais e industriais, funcionários do governo, além do caudal de imigrantes que vinham se assalariar ou tentar algum negócio por conta própria, a fixar residência na capital. A cidade de São Paulo perdia sua aparência primitiva e homogênea, começando a

dar uma impressão cosmopolita de abrigar várias cidades em uma só” (PEREIRA, 2004, p.13).

Para auxiliar este processo, há com o declínio da economia cafeeira o incentivo da migração de famílias de negros para a capital, atraídas pelo promissor mercado de trabalho fomentado pelo processo de transformação da sociedade da época, de escravista para de trabalho livre e assalariado. Neste contexto e momento é que o samba se consolida na cidade, tendo como matrizes as características rurais trazidas pelos que chegavam do interior e se tornavam mão-de-obra braçal e barata. Em um espaço urbano em expansão, os diferentes hábitos culturais se entrecruzavam na configuração do samba paulistano, a exemplo da co-influência que se deu entre a cultura italiana e a negra no bairro do Bexiga<sup>3</sup>.

Como já expressei, em um primeiro momento estas famílias de negros se concentraram destacadamente no Bexiga, na Baixada do Glicério e na Barra Funda. Procedendo-se a um levantamento da presença dos negros nestas áreas, percebe-se que ali existiam moradias que funcionavam como pontos de encontro, vislumbrando-se redes de sociabilidade, laços de parentesco, amizade, compadrio e relações afetivas informais que marcavam a vida social e o processo de resistência nesta época.

Em particular, é a proximidade que no século XIX marcou a trajetória da fixação dessa população que, ao longo dos anos, deslocou-se com expressividade das áreas mais centrais em direção às regiões adjacentes da cidade, no geral ainda pouco povoadas e com disponibilidade de terrenos. O trecho abaixo é elucidativo dessa movimentação:

“Conforme foi chegando o progresso, a cidade foi “embranquecendo” (...) Ali onde hoje está a Câmara Municipal era tudo sobrado de cortiços onde moravam os negros (...) Então a cidade foi crescendo e “embranquecendo” (...) Este é o termo certo, pois os negros foram jogados para a Bela Vista e Barra Funda, em um segundo momento para a Casa Verde, Limão e Freguesia do Ó e num terceiro momento para o Grajaú, Cidade Tiradentes e Tatuapé (...) Estou te explicando isto porque o samba ia junto, entendeu? (...) Aqueles sambistas que moravam por aqui foram para outras áreas e levaram o samba junto com eles” (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007).

De certa forma, os proprietários das residências controlavam a habitação nos cortiços (que surgem como locais de moradia coletiva), mediante uma vigilância exercida por eles próprios:

“Bairros como a Bela Vista (Bexiga), Santa Ifigênia e Liberdade representavam áreas com grande concentração de cortiços. Nessas habitações eram fortes os laços de vizinhança. Essa proximidade fortalecia a solidariedade orgânica no interior desses bairros. Por sua vez, os proprietários, que viviam no mesmo prédio nas partes mais privilegiadas, exerciam uma significativa vigilância sobre os costumes e sua conservação” (SCARLATO, 2004, p. 257).

---

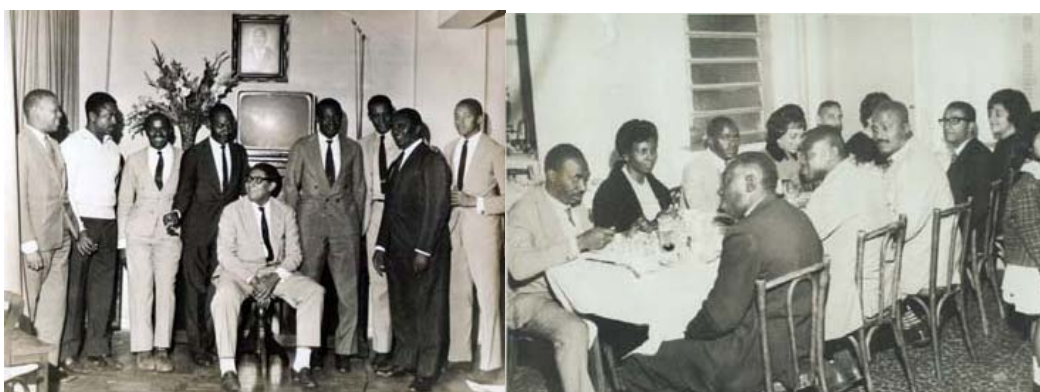
<sup>3</sup> Para o aprofundamento desta questão ver: CASTRO, Márcio Sampaio de. Bexiga: um bairro afro-italiano. São Paulo: Annablume, 2008, 108 p.

O contato com as fontes, principalmente os textos referentes à cidade do século XIX, demonstra que em São Paulo as distinções sociais ainda não se reproduziam espacialmente, como ocorrerá no século XX a partir da conformação dos “bairros paulistanos nobres”. Cabe observar que a população mais pobre residia muito proximamente às famílias mais abastadas, a quem serviam como pedreiros, marceneiros, empregadas domésticas, vendedores ambulantes, trabalhadores braçais, quituteiras, dentre outras atividades. Isto ocorria, por exemplo, no Morro dos Ingleses, situado na parte mais alta da Bela Vista, onde se instalou a parcela rica dos moradores composta por fazendeiros de café e investidores ingleses, em oposição aos negros e italianos que habitavam a região mais baixa, a exemplo da rua Treze de Maio; onde acontecia a festa de Santa Cruz e os negros libertos comemoravam a abolição (Coimbra citada por Torres, 1998).

No entanto, esta proximidade não eliminava as desigualdades sociais e os preconceitos, pois havia um monitoramento assíduo dos sambistas para se evitar a “bagunça” nas ruas, em práticas sucessivas de cerceamento de suas práticas sociais e usos territoriais<sup>4</sup>.

Vale lembrar que neste momento os negros da classe média e alta não podiam freqüentar os clubes da elite, levando-os a fundarem em 1961 a Associação Aristocrata Clube no bairro de Santo Amaro. Já que a aristocracia paulistana não os aceitava em seus clubes, um grupo de jovens atletas, intelectuais, compositores, sambistas e indivíduos de outros segmentos da sociedade negra resolveram criar o seu próprio<sup>5</sup>.

Fotos 3 e 4 – Eventos sociais no Aristocrata Clube  
Fonte: Memorial Virtual, consultado em agosto de 2007.



Com o passar dos anos, a segregação sócio-espacial foi se acentuando e a cidade passou a ser vivenciada de modo distinto pelos vários segmentos sociais.

<sup>4</sup> Todos os anos, no dia 20 de novembro, é realizada a “Marcha do Dia da Consciência Negra”. Além de lembrarem a morte de Zumbi, os participantes percorrem treze locais da cidade em alusão aos 13 de Maio, dia da assinatura da Lei Áurea, nos quais a comunidade negra assegura ter perdido o direito de uso territorial: praças públicas, igrejas, terrenos, dentre outros.

<sup>5</sup> Sobre esta questão assistir o documentário “Aristocrata Clube” de Jasmin Pinho e Aza Pinho – Itaú Cultural 2004, o qual relata por depoimentos, fotos e imagens, a história do glamoroso clube da zona sul de São Paulo, revelando aspectos da digna resistência efetuada pelos negros que obtiveram ascensão econômica e política na época. Cabe observar que o clube se apropriou de símbolos da aristocracia branca, reproduzindo-os para se afirmarem socialmente como negros (o termo “Aristocrata” é sugestivo). O documentário também evidencia a crise atual do clube, contrapondo-se com a pujança obtida nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Para uma análise comparativa com um clube carioca, ver: MELLO, João B.F; PAIXÃO, Aimeé L.R. Renascença Clube: Um símbolo da negritude carioca. In: Anais do 18º UERJ Sem Muros, Rio de Janeiro, 2007.

Conseqüentemente, evidenciou-se a posição de marginalidade da população negra, sobretudo com relação à sua religiosidade, expressão musical, moradia e tipo de trabalho exercido.

Para continuar a argumentação, faz-se importante verificar quais foram os fatores que conduziram a expansão territorial do samba na cidade de São Paulo, para que as reflexões captem a correlação entre as políticas reformistas e o movimento das escolas de samba e dos sambistas na totalidade do espaço geográfico paulistano.

## **POLÍTICAS TERRITORIAIS E A EXPANSÃO DO SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO**

As transformações ocorridas no centro da capital paulista implicaram em uma ampla reformulação da cidade, ao passo que muitos cortiços e moradias pertencentes à população negra foram sendo destruídas, expulsando-a para locais remotos. Deste modo, houve o gradativo deslocamento desta parcela populacional para as áreas marginais, com destaque para aquelas situadas na região norte:

“De uma hora para outra surgiu a ordem de que os pobres não poderiam mais ocupar os porões e os meus parentes compraram terreno para os lados do Peruche, porque estavam vendendo barato (...) Todos os que eram pobres, tanto brancos como negros, tiveram que sair” (Toniquinho Batuquero, Samba à Paulista, 2007, parte II, 42’56”).

Com isso, intensificou-se a expropriação do uso territorial pela população mais pobre, que no início da formação da cidade de São Paulo ocupava as áreas centrais. Esse processo a leva às áreas mais distantes, onde o acesso ao terreno e a moradia era economicamente mais viável. Ao mesmo tempo, a implantação de grandes infra-estruturas urbanas e o processo de reforma urbana irá impulsionar a expansão urbana periférica. Acerca deste assunto, Francisco Scarlato comenta:

“O Brás, a Bela Vista e a Liberdade foram retalhados por viadutos e avenidas. Um número muito grande de desapropriações para a construção de grandes obras não somente desfiguraram aquelas paisagens como acabaram expulsando parte significativa de sua população tradicional” (SCARLATO, 2004, p. 264).

Ao mesmo tempo em que ocorre o deslocamento da população mais pobre em direção aos bairros periféricos, as escolas de samba começam a ganhar força nesses bairros. Se antes estavam concentradas próximas à região central, passam também a se localizar em bairros situados além das marginais<sup>6</sup>.

Do ponto de vista das políticas de saneamento implantadas, ocorreu na cidade de São Paulo algo semelhante ao ocorrido no Rio de Janeiro: a busca da higienização da área central por meio da remoção da população pobre.

Em São Paulo, foram realizadas dezenas de intervenções no espaço urbano pelo Poder Público e Privado, procurando estruturar, higienizar, regular, disciplinar e

---

<sup>6</sup> Cabe notar que as escolas de samba Vai-Vai, Camisa Verde e Branco e Lavapés continuam situadas no mesmo lugar onde surgiram, respectivamente no Bexiga, na Barra Funda e no Glicério.



embelezar a cidade. Tudo isso, devido ao quadro de instabilidades marcado por conflitos e tensões sociais ocasionadas pelo descontrole nas ações urbanizadoras e nas políticas sociais implementadas (Moraes, 2000).

Com o passar dos anos, o rápido e desordenado desenvolvimento da cidade de São Paulo exigiu clareza nas ações e nas metas definidas, direcionadas às políticas de urbanização. A alteração deste direcionamento se dá na década de 1930, quando a postura da administração pública municipal rompe com o descaso ao planejamento e passa a buscar análises e visões prospectivas para a cidade:

“Se as primeiras preocupações apareceram no governo Pires do Rio (1926-30), foi a partir de meados da década, nas gestões de Fábio Prado (1934-38) e Prestes Maia (1938-45), que os projetos urbanísticos saíram do papel e permitiram uma planejada intervenção do Estado no espaço urbano, criando condições para o desenvolvimento da “cidade industrial” (MORAES, 2000, p. 202).

A principal iniciativa do engenheiro Prestes Maia (posteriormente eleito prefeito da cidade) foi a criação do Plano de Avenidas, durante a gestão do prefeito Pires do Rio, com o intuito de permitir maior rapidez aos veículos, além de reduzir os congestionamentos na área central e abrir novas saídas (radiais) em direção às marginais dos rios Pinheiros e Tietê. Assim sendo, seu planejamento urbanístico para a organização da cidade visava:

“O descongestionamento da região central por meio do sistema viário radial-perimetral, a reorientação do crescimento urbano em diversas direções, a descentralização dos espaços e dos serviços urbanos, a preferência pelo transporte de superfície, mais especificamente pelo automóvel público ou privado, a preocupação com a verticalização da cidade; e finalmente, a intervenção direta e indireta do Estado” (MORAES, 2000, p. 207).

Todas estas ações contribuíram para “levar a cidade” para além dos rios, mediante uma expansão urbana de tipo radial concêntrico, possibilitada pela presença das avenidas radiais e perimetrais<sup>7</sup>. Nesse sentido, foram sucessivas as transformações incitadas pelas ações da prefeitura, com destaque para o Plano de Avenidas elaborado por Prestes Maia. A capital paulista adquire uma “roupagem moderna”, privilegiando a acessibilidade e a fluidez dos automóveis, em um momento de expressivo acréscimo dos veículos automotores nas ruas. Nos transportes coletivos, os ônibus substituem gradativamente os bondes e se enquadram nas diretrizes do Plano de Avenidas, dentre elas, a de descentralizar e expandir a cidade para outros centros, “espalhando o movimento e as atividades, multiplicando os centros” (MAIA, 1930, p.6).

Juntamente com o crescimento urbano vieram as contradições, demarcadas pelo desprezo aos prédios e monumentos antigos, além da já citada expulsão da população mais pobre dada pela valorização dos terrenos. Nesse sentido, a partir do final dos anos

---

<sup>7</sup> Para informações mais específicas consultar: MAIA, Prestes. *O Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

50 e início dos anos 60, inicia-se uma nova etapa de transformações urbanas, que “refundam” São Paulo:

“Em meados de um século, São Paulo ergueu três sítios urbanos diferentes, destruindo quase completamente dois deles. Daí Claude Lévi-Strauss ter afirmado em *Tristes Trópicos*, no ano de 1935, que São Paulo era uma cidade de ciclo rápido e perpetuamente jovem, mas nunca completamente sã” (MORAES, 2000, p.214).

É interessante notar que neste momento, tomam conta de boa parcela da população paulistana os sentimentos nostálgicos daquela cidade que perdeu suas características mais naturais e saudáveis. Conforme Moraes (2000), implantava-se e sedimentava-se no imaginário dos paulistanos a noção da cidade que não parava de crescer e fugia do olhar e da vida de seus habitantes, rejuvenescendo-se “eternamente”.

Todos esses processos de alterações urbanas fizeram com que a área urbana de São Paulo extrapolasse o seu limite mais central, disseminando-se horizontalmente. Entretanto, cabe salientar que as políticas de urbanização levadas a cabo ficaram inicialmente restritas ao núcleo urbano central e a expansão frenética de loteamentos na zona leste, oeste, norte e sul, revelaram as contradições desse desenvolvimento desigual e excludente; que marginalizava as áreas distantes e proporcionava lucros altos a partir da renda proveniente da venda de lotes.

Assim, por intermédio dos novos arranjos configurados nas periferias, os negros estabelecem pontos de encontro a partir das escolas de samba, dos campos de futebol de várzea, das rodas de capoeira, dos terreiros de candomblé e umbanda; concretizando uma presença marcante nestas áreas. Quanto a este ponto, é interessante assinalar que, paulatinamente, foram conseguindo traduzir as suas manifestações em cultura popular, com dimensões compatíveis às do consumo de massa. Isto se dá exemplarmente na transformação dos cordões carnavalescos em escolas de samba voltadas ao espetáculo, fato que conduziu muitos sambistas a uma re-elaboração de seus próprios gostos, hábitos e práticas sociais da cultura do samba, em um “mercado cultural de massa”.

Igualmente, a população negra que migrou para as periferias marcará sua presença na cidade mediante outros tipos de relações significativas. É o caso da criação de “redes de interesses políticos”, organizadas segundo estratégias apoiadas na doação ou empréstimo de terrenos públicos. Esta prática de cessão de terrenos às escolas de samba facilitou a expansão territorial das mesmas, possibilitando a concretização de diferentes e peculiares formas de apropriações, nem sempre estabelecidas no entorno em que a escola se originou. Nesse sentido, é interessante notar o caso da Escola de Samba Rosas de Ouro, instalada fora de seu local de origem que é o bairro da Brasilândia, na região oeste da cidade:

“A Rosas de Ouro é uma grande escola de São Paulo que se originou na Brasilândia e por isto a comunidade de lá se sentiu traída em decorrência da mudança desta para os arredores da Ponte da Freguesia do Ó, em um momento em que a prefeitura disponibilizou terrenos para algumas escolas de samba, situados próximos à Marginal do Rio Tietê” (Lino, entrevista realizada em 29/11/2006).

A necessidade de apoio político tornou-se fundamental não somente com relação à cessão do terreno onde seria construída a quadra, mas também com relação ao seu uso posterior.

Neste sentido, mesmo com a mudança de algumas escolas de seu lugar de origem e a intensa participação política em suas dinâmicas, pode-se afirmar que os moradores trazem consigo suas referências firmadas no samba, o que se reproduz atualmente na cada vez maior adesão aos blocos carnavalescos e escolas de samba<sup>8</sup>. Essa territorialidade permite que o morador firme um espaço de referência mediado pelo samba, ainda que este possa se mudar para bairros distantes do local em que morava anteriormente. Dentro desse conjunto de situações que envolvem uma reterritorialização de suas práticas sociais – para se utilizar de uma noção do geógrafo Rogério Haesbaert (2004), muitos frequentadores do “mundo do samba” fazem do bairro o lugar para a sua existência libertária na cidade:

“Para um indivíduo ou grupo de pessoas, podemos falar numa territorialização como a construção de uma experiência integrada de espaço. Se antigamente era possível detectar claramente um território como experiência total do espaço, como território zona contínuo e relativamente estável, hoje temos esta experiência integrada (nunca total) muito mais na forma de territórios-rede, descontínuos, móveis, espacialmente fragmentados” (HAESBAERT, 2004, p. 341).

Assim sendo, podemos pensar que os sambistas constroem seus (multi) territórios (Haesbaert, 2004) integrando conjuntamente suas experiências econômicas, políticas e culturais em relação ao espaço e utilizando o samba como elemento mediador. Nesse sentido, esses (multi) territórios encontram no bairro o refúgio para a experimentação e reconstrução de sociabilidades, embora, como nos lembra o autor, experimentam-se vários territórios ao mesmo tempo e a partir daí se formulam territorializações efetivamente múltiplas.

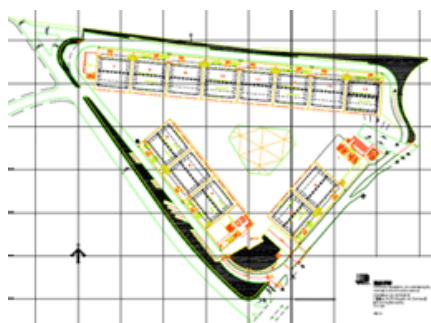
## **“FÁBRICA DOS SONHOS”: A CRIAÇÃO DE UM TERRITÓRIO DA INDÚSTRIA CARNAVALESCA**

No início do ano de 2008, mais especificamente no dia 09/01/2008, a Prefeitura Municipal de São Paulo anunciou a construção da “Fábrica dos Sonhos”, um projeto arrojado que deverá seguir o modelo da “Cidade do Samba” fluminense, agrupando em um único local os barracões das escolas de samba do Grupo Especial. Segundo o projeto inicial, a construção será concretizada em um local próximo ao Sambódromo, nos arredores da Marginal Tietê com a Ponte da Casa Verde.

---

<sup>8</sup> Diferentemente do que ocorreu com os circos, que foram perdendo seus espaços de manifestação na cidade, as escolas de samba, blocos carnavalescos, rodas de samba, projetos e movimentos de samba estão presentes hoje em praticamente todos os bairros da cidade.

### Imagens 1, 2 e 3: Planta da Fábrica dos Sonhos



Fonte: Jornal *Diário de São Paulo*, de 10/01/2008.

Para as escolas de samba, esta facilidade de acesso será extremamente relevante para o transporte dos carros alegóricos no dia anterior ao desfile. Esta tendência evidencia a possibilidade de efetivação de uma “mancha do samba”, categoria trabalhada pelo antropólogo José Guilherme Magnani (1998). Nesta perspectiva, as “manchas” são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante, sendo que estes equipamentos podem competir entre si ou se complementar.

Segundo o prefeito municipal Gilberto Kassab, “os sambistas terão as condições adequadas para o desenvolvimento de seu trabalho, sendo que serão realizados todos os investimentos necessários pela prefeitura, e o local será administrado pela São Paulo Turismo”<sup>9</sup>.

De acordo com o presidente da São Paulo Turismo – SPTURIS, Caio Luiz de Carvalho, este é um investimento necessário, pois “durante o ano todo o samba gera direta e indiretamente mais de 100 mil empregos” e a “Fábrica dos Sonhos” deverá impulsionar o turismo em São Paulo. A área onde será construída a “Fábrica dos Sonhos” terá um espaço para a realização de shows, eventos culturais e a instalação do Memorial do Samba. Segundo os seus idealizadores, o intuito é o de que a área funcione durante o ano todo:

O empreendimento terá um Barracão Escola: um centro de referência para a formação de profissionais de Artes Cênicas, que poderão prestar serviços principalmente para as Escolas de Samba de São Paulo. Outro destaque será a arena “Casa de Bambas”, voltada para shows. A recepção abrigará diversos serviços, dentre eles o tão sonhado “Memorial do Samba

<sup>9</sup> Matéria publicada no Jornal *Diário de São Paulo* de 10/01/2008. “São Paulo também vai ter sua Cidade do Samba”. Autoria de Leandro Calixto.

Paulistano”. Terá também estacionamento e um ponto para reciclagem e reaproveitamento de materiais<sup>10</sup>

Neste ponto da argumentação, cabe observar que a efetivação desse projeto divide opiniões:

A Fábrica dos Sonhos de São Paulo é uma cópia daquilo que foi feito no Rio de Janeiro (...) Só que o Rio tem outras necessidades, é uma cidade que vive do turismo (...) Lá, se você quiser ver samba de raiz de verdade, tem que ir à periferia (...) Para o turismo de São Paulo a Fábrica dos Sonhos será boa (...) Este projeto faz parte de uma intenção política para a reeleição do atual prefeito (Celso, entrevista realizada em 25/02/2008).

No caso do Rio de Janeiro, a “Cidade do Samba” foi construída a partir de uma atitude gerencial e empresarial da prefeitura fluminense, juntamente com a Liga das Escolas de Samba. Suas atividades se iniciaram em 2005, em uma área destinada aos barracões das escolas de samba pertencentes ao Grupo Especial.

De certo modo, a “Cidade do Samba” é um produto turístico que foi concebido para a arrecadação mediante a cobrança por ingressos e produtos que lá são vendidos. Assim sendo, mais do que um empreendimento carnavalesco, configura-se como um empreendimento empresarial e turístico:

As escolas de samba cariocas são hábeis, pois sabem que podem vender o carnaval como um produto turístico (...) Em São Paulo, o carnaval está começando a ser explorado como produto turístico somente agora (...) Ao contrário do Rio, os turistas ainda são a minoria absoluta no Sambódromo do Anhembi (...) Igualmente, acredito que as escolas de samba de São Paulo não são organizadas no sentido empresarial (...) Mesmo se a Fábrica dos Sonhos ficar pronta, acredito que as escolas de samba irão subutilizar o espaço, pois a organização das escolas de samba de São Paulo é muito diferente das do Rio de Janeiro (Nancy, entrevista realizada em 20/02/2008).

Em razão mesmo desse papel turístico representado pelo carnaval paulistano, alguns estudos foram realizados pela São Paulo Turismo – SPTuris, demonstrando que cerca de 4% do público presente nos desfiles carnavalescos provém de áreas que estão fora da Região Metropolitana de São Paulo. Desse total, 2,5% eram brasileiros e 1,5% estrangeiros<sup>11</sup>.

A “Fábrica dos Sonhos” pode ser pensada como uma forma motivada por processos sociais que, por terem conteúdo, poderão realizar a sociedade paulistana de maneira particularizada (particularidade que se deve exatamente a sua forma). Cabe mencionar que o tratamento do território como forma-conteúdo é uma herança da

---

<sup>10</sup> Fonte: idem/ibidem.

<sup>11</sup> Fonte: [www.anhembi.com.br](http://www.anhembi.com.br)

influência estruturalista em Milton Santos (1985), sobretudo a advinda da lingüística de Roman Jakobson. Este tratamento envolve uma circunscrição espacial, dinamizada pelo conteúdo e por seus fluxos, configuradores das formas.

Como coloca Antonio Robert Moraes (2001), o conceito de forma-conteúdo sugerido e utilizado por Milton Santos em algumas de suas obras, ganha significado pelo “usufruto da forma, sua utilização em movimento” (MORAES, 2001, p. 102). Neste sentido, é interessante notar que uma possível analogia entre a estrutura urbana de São Paulo e a do Rio de Janeiro permite considerar que a primeira é mais “maleável” do que a segunda, em virtude de sua fisiografia (o que permitiu e ainda permite um espraiamento urbano mais horizontal).

No caso da “Fábrica dos Sonhos”, pode-se dizer que será uma forma sobre a qual a sociedade paulistana, representada pelos sambistas, depositará parte de seu dinamismo, realizando-se na interação solidária com o lugar, em arranjos territoriais e organizacionais proveitosos.

Finalmente, vale destacar que de modo geral, o projeto “Fábrica dos Sonhos” tem sido bem avaliado pelos sambistas, conforme relata um de nossos entrevistados:

Eu estou feliz com o anúncio da Fábrica dos Sonhos (...) Essa é uma notícia boa para o segmento do carnaval e como sambista tenho por obrigação ficar feliz (...) A Fábrica dos Sonhos é necessária, ela é um sonho antigo dos sambistas (...) Ela intensificará os roteiros turísticos, proporcionará maior infraestrutura para o carnaval e para as escolas de samba, o que é preciso pois se poderá trabalhar com maior tranquilidade (...) A sociedade e o poder público irão reclamar menos por não encontrar carros alegóricos jogados pela cidade (...) A Fábrica dos Sonhos é uma via de duas mãos, se sair será nota 10 (...) Ideologicamente, esta idéia já tinha sido proposta há muito tempo, inclusive envolvendo o uso do terreno da aeronáutica localizado próximo ao Sambódromo (...) Antes, todas as escolas levavam os carros alegóricos embora, o que piorava em muito o trânsito (...) Então falamos: “Temos que estacionar estes carros em algum lugar pois senão a cidade entrará em colapso” (...) Imagine, uma cidade como São Paulo na Quarta-Feira de Cinzas, com todos os carros alegóricos nas ruas .... (Róbson, entrevista realizada em 05/03/2008).

O que até aqui foi expresso é, por uma questão do próprio formato do artigo, uma simplificação dos processos e dos contextos associados aos territórios do samba na cidade de São Paulo. As relações e as questões envolvidas são bem mais complexas, conforme estarão colocadas na tese de doutorado em fase de finalização e com a defesa prevista para o presente ano de 2009.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BRUNO, Ernani da Silva. *História da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1954.

CUNHA, Mário Wagner Vieira da. Descrição da Festa de Bom Jesus de Pirapora. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Departamento de Cultura, vol. XLI, 1937.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MAIA, Francisco Prestes. *Estudo de um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo, Melhoramentos, 1930.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. Na metrópole: textos de antropologia urbana. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

MONBEIG, Pierre. *La croissance de la ville de São Paulo*, Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Capitalismo, Geografia e Meio Ambiente*. Livre Docência. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

MORAES, José Vinci de. *Metrópole em sinfonia. História, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.

PEREIRA, Paulo. *São Paulo – A construção da cidade entre 1872 e 1914*. São Carlos: Rima, 2004.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SCARLATO, Francisco Capuano. Busca do centro – o reencontro com a cidade. In: CARLOS, Ana Fany. *Geografias de São Paulo: Representação e crise da metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 247 -270.

SIMSON, Olga Von. *Branços e negros no carnaval popular paulistano (1914-1918)*. São Paulo, 245f Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

TORRES, Lilian de Lucca. Programa de paulista. Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

### **Documentário:**

MELLO, Gustavo.; CAMARGO, Y.; FREIRE, L. *Samba à Paulista: Fragmentos de uma história esquecida* (Filme-Vídeo). São Paulo, Fundação Padre Anchieta e Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 2007, 3 partes.